

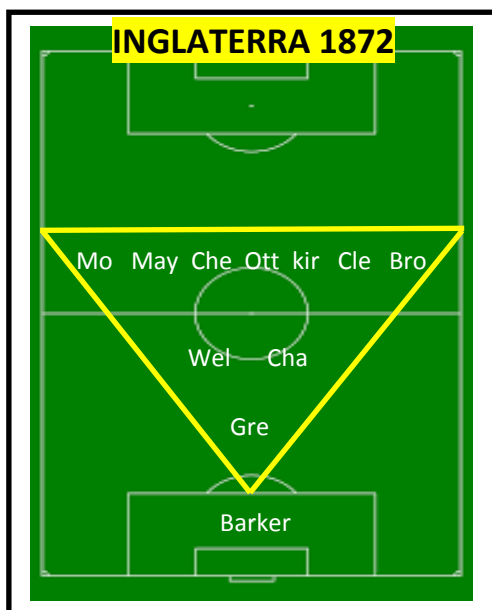
PEP GUARDIOLA QUASE REVERTE A “PIRÂMIDE”

Geraldo Delamore

De tempos em tempos presenciamos transformações impactantes nos desenhos táticos e nos estilos de jogo de times e seleções. Da valorização do improviso do futebol brasileiro, inserido cada vez mais num jogo taticamente organizado, às modificações do futebol inglês, que passou de um jogo de ataque direto a um jogo de ataque combinado, podemos observar diversas identidades de jogo que vão se multiplicando num mundo globalizado onde a informação trafega em alta velocidade.

Quando ainda não havia a regra do impedimento, o jogo se caracterizava por um comportamento técnico-tático mais individualizado, sendo o drible uma manifestação técnica frequente, ficando a cooperação através do passe e as preocupações defensivas relegadas a um segundo plano (Wilson, 2009, p. 11, tradução minha).

A regulamentação da regra do impedimento em 1863 (fonte: Wikipedia.org) provocou ajustes na forma das equipes se organizarem. Posteriormente, outras modificações das regras gerais do jogo influenciaram a construção dos modelos de jogo hoje observados.



Os desenhos táticos, ou plataformas de jogo, foram afetados, não somente pelas alterações das regras, como também pelas diferentes formas de abordar o treinamento, pelas modificações das sociedades das diferentes épocas, e principalmente pela qualidade dos principais recursos humanos disponíveis – os jogadores.

Em Wilson (2009, p. 16), no primeiro encontro internacional entre Escócia e Inglaterra, realizado em Glasgow em 1872,

a equipe inglesa apresentou como desenho tático o 1-1-2-7, uma “pirâmide” com a sua base constituída pelos jogadores de frente. A Inglaterra jogou com Barker; Greenhalgh; Chappell e Welch; Brockbank, Cleff, Kirke-Smith, Ottaway, Chenery, Maynard e Morice.



Na final do primeiro mundial, realizado em 1930, o Uruguai sagrou-se campeão ao derrotar a Argentina pelo placar de 4 a 2. O desenho tático utilizado pelas duas equipes foi o 1-2-3-2-3 (Wilson, 2009, p. 38), com um aumento do número de jogadores nas linhas mais recuadas. A equipe uruguaia atuou com Ballestero; Mascheroni e Nasazzi; Andrade, Fernández e Gestido; Scarone e Cea; Dorado, Castro e Iriarte.

Depois vieram o WM de Herbert Chapman que o Brasil usou em 1950

(Delamore, 2016, p. 25-26) e a forte equipe de Puskás. Em 25/11/1953 em Wembley, a Hungria derrotou a Inglaterra por 6 a 3, adotando um desenho tático próximo a 1-3-2-1-4. A escalação mostrava Grosics; Buzánszki, Loránt e Lantos; Bozsik e Zakariás; Hidegkuti; Budai, Kocsis, Puskás e Czibor. (Wilson, 2009, p.93)



No Brasil surgia o quarto zagueiro, atribuído a Martim Francisco, no Vila Nova de Nova Lima, e que influenciou o desenvolvimento dos desenhos táticos com linhas de quatro zagueiros, como o 1-4-2-4, o 1-4-3-3, o 1-4-4-2 e as suas variações.



O Vila Nova jogava em 1951 com Arizona; Madeira, Anízio, Lito e Tão; Vicente e Foguete; Osório, Vaduca, Chumbinho e Escurinho, no 1-4-2-4. (Wilson, 2009, p. 119 - 120)

Atualmente as equipes variam os seus desenhos táticos ao longo da temporada, dentro das partidas e, até mesmo, entre os momentos defensivos e os ofensivos.

O Campeão da Premier League 2016-17, o “reativo” Chelsea de Antonio Conte, começou a temporada com uma formação de linha de quatro zagueiros, passando depois a atuar com uma linha de três zagueiros em fase ofensiva e uma linha de cinco defensores em fase defensiva.

A equipe base do Chelsea jogou com Courtois; Azpilicueta, David Luiz e Cahill; Moses, Kanté, Matic e Marcos Alonso; Pedro e Hazard; Diego Costa: com um desenho tático de 1-3-4-2-1 em fase ofensiva e de 1-5-4-1 em fase defensiva.



Jonathan Wilson relata em seu livro a evolução dos desenhos táticos e dos estilos de jogo, desde o seu surgimento até futebol moderno. “Invertendo a pirâmide” (*Inverting the pyramid – The history of football tactics*, Orion Books, 2009) ilustra como as equipes se ajustaram para atender às respectivas demandas competitivas das diferentes épocas.

Um processo que levou gradualmente à inversão do posicionamento da base da “pirâmide”, inicialmente com mais jogadores nas linhas mais avançadas, posteriormente com mais jogadores nas linhas mais recuadas.

Atualmente as equipes com vocação mais ofensiva são aquelas que chegam com mais jogadores à área adversária. Também apresentam um grau de profundidade ofensiva mais elevado. (Vázquez, 2012, p. 135)

De uma forma geral, defendem-se em zona e com um elevado número de jogadores atrás da linha da bola.

As transições adquiriram importância fundamental para o sucesso no jogo. Aproveitar os desequilíbrios momentâneos do rival passou a ser determinante no futebol moderno onde as propostas de jogo são muito parecidas e os enfrentamentos são muito equilibrados.

“Por outro lado, 36% dos gols são derivados das situações de bolas paradas que apresentam um nível de complexidade estrutural reduzido”. (Vázquez, 2012, p. 32, tradução minha)

PEP GUARDIOLA

De Pep Guardiola tem-se ouvido falar intensamente, desde a sua obsessão por montar equipes que dominam o jogo até a sua declarada opção pela ofensividade.

A sua admiração pelo futebol brasileiro, em particular pela nossa seleção de 82, e o seu fascínio pela excepcional qualidade de nossos jogadores também já foram mencionados em diversas entrevistas concedidas pelo treinador.

Acompanhando trechos do livro “Herr Pep” de Martí Perarnau (Editorial Corner, 2014) podemos encontrar detalhes do seu pensamento, como os objetivos táticos que norteiam o seu jogo:

- Construir o jogo desde a primeira linha defensiva (o goleiro).
- Controlar as ações no meio-de-campo.
- Dominar o adversário pelo acerto de passes (manutenção da posse).
- Encorpar o ataque com jogadores vindos de linhas mais recuadas.
- Recuperar a posse da bola rapidamente, aplicando pressão alta.
- Conquistar os rebotes ofensivos.
- Bloquear imediatamente os contra-ataques adversários.

Ao analisarmos a partida Real Madrid 01 x 00 Bayern de Munique, realizada em 23 de abril de 2014 pelo jogo de ida das semifinais da Liga dos Campeões 2013-14, podemos comprovar, através das estatísticas, algumas das ideias do jogo do treinador.

A equipe alemã apresentou uma eficiência nos passes na casa de 94%; em alguns momentos ficou com a bola cerca de 80% do tempo, como nos primeiros quinze minutos de jogo; finalizou 18 vezes contra o gol de Casillas; conquistou 15 escanteios e cruzou 31 bolas na área adversária em situações do jogo dinâmico. (Perarnau, 2014, Momento 60, tradução minha)

Uma performance extraordinária contra outra potência do futebol mundial. Nas palavras de Perarnau (2014, Momento 60, tradução minha), “O Bayern jogou no estádio Bernabeu com uma personalidade que poucas equipes mostraram em semelhante estádio”.

Sem abrir mão dos cuidados defensivos, a sua proposta de jogo sempre foi ousada, embora tenha colecionado alguns tropeços ao longo do caminho, como a eliminação na Liga dos Campeões 2011-12 para o Chelsea, enquanto dirigia o Barcelona; ou a própria eliminação pelo Real Madrid na mesma competição, na temporada 2013-14, após perder o jogo da volta por 4 a 0 em plena Allianz Arena, em Munique.

Suas equipes procuram jogar em cima do adversário, criando superioridade numérica nos diversos setores do campo, explorando a amplitude e a profundidade de jogo, sufocando o oponente.

Um dos segredos do comportamento tático das suas equipes parece ser a movimentação dos seus laterais. Eles podem ser vistos simultaneamente abertos e próximos aos atacantes, encorpendo o ataque; ou fechados próximos aos volantes, encorpendo o meio-de-campo.



Na partida Bayern 03 x 01 Man. United, em 09 de abril de 2014 pela Liga dos Campeões, podemos observar a movimentação dos laterais, Lahm e Alaba, que se juntavam ao centromédio, Toni Kroos, em fase ofensiva. Em fase defensiva retornavam à sua posição original para estruturar a linha de quatro zagueiros.

O desenho tático fluía entre o 1-4-1-4-1 em fase defensiva e o 1-2-3-4-1 em fase ofensiva. Essa foi uma das alternativas táticas encontradas pelo treinador para elaborar uma proposta

de jogo ofensiva e suprir as ausências de Bastian Schweinsteiger, Thiago Alcântara e Javi Martínez, meio-campistas lesionados.

Com essa organização os conteúdos táticos como a circulação da bola, a construção de situações para a finalização contra o gol adversário, a conquista dos rebotes ofensivos e a interrupção rápida dos contra-ataques do rival foram executados com maior eficiência.

Eventualmente, Toni Kroos “afundava” entre os zagueiros para criar superioridade numérica em cima dos atacantes do Manchester United (Danny Welbeck e Wayne Rooney), na zona de iniciação das jogadas, e para dar qualidade ao “primeiro passe” na saída para o jogo.

Derrotas, como a que sofreu para o Arsenal pela Liga dos Campeões 2015-16, enquanto dirigia o Bayern de Munique, não o impediram de continuar obcecado pela postura ofensiva e pela atitude constante de se impor ao rival.



Na ilustração ao lado, percebemos uma outra movimentação dos laterais do Bayern, Lahm e Bernat, que se posicionavam próximos ao trio Müller-Lewandowski-Douglas Costa. Uma linha de cinco jogadores que buscou produzir superioridade numérica sobre a linha de zagueiros do Arsenal, proporcionando tabelas, infiltrações e finalizações.

Jogando em pressão alta, além de ganhar em profundidade e amplitude de jogo com o avanço simultâneo dos laterais, o posicionamento adiantado do Arturo Vidal e do Thiago Alcântara também possibilitou o aumento do número de jogadores na intermediária adversária, compactando a equipe dentro do campo ofensivo.

A improvisação do lateral esquerdo, Alaba, como zagueiro e o posicionamento recuado do centromédio, Xavi Alonso, também possibilitaram uma melhor saída de bola por melhorar a qualidade do “primeiro passe” e por construir superioridade numérica na zona de iniciação das jogadas.

Em outro momento, no jogo Manchester City 03 x 01 West Bromwich, em 16 maio de 2017 pela Premier League, podemos notar os laterais novamente atuando como meio-campistas. Tanto Kolarov, quanto Fernandinho, jogaram próximos a Yaya Touré em fase ofensiva.

Davi Silva e Kevin De Bruyne atuaram próximos à linha de atacantes formada por Gabriel Jesus, kun Agüero e Sané.



Uma outra organização ousada, saindo do 1-4-3-3 para o “quase” 1-2-3-5, com Davi Silva e De Bruyne frequentemente visitando a área adversária.

As características dos laterais e dos meio-campistas; a opção por priorizar o jogo por dentro ou o jogo lateralizado; a criação de superioridade numérica pelo meio ou pelos lados do campo; as nuances do adversário; os detalhes das competições e de seus regulamentos; entre outros, são fatores a serem observados na escolha da

melhor opção tático-estratégica a ser utilizada.

PEP GUARDIOLA - PRINCIPAIS TÍTULOS

Barcelona

- Copa do Mundo de Clubes da FIFA: 2009, 2011
- Liga dos Campeões da UEFA: 2008–09, 2010–11
- Supercopa da UEFA: 2009, 2011
- Campeonato Espanhol: 2008–09, 2009–10, 2010–11
- Copa del Rey: 2008–09, 2011–12
- Supercopa da Espanha: 2009, 2010, 2011
- Troféu Joan Gamper: 2008, 2010, 2011

Bayern de Munique

- Copa do Mundo de Clubes da FIFA: 2013
- Supercopa da UEFA: 2013
- Campeonato Alemão: 2013–14, 2014–15, 2015–16
- Copa da Alemanha: 2013–14, 2015–16

Fonte: *Wikipedia.org*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELAMORE, Geraldo. *Virando o jogo – reflexões, conceitos e práticas*. Curitiba: Appris Editora, 2016.

VÁZQUEZ, Angel Vales. *Fútbol – Del análisis del juego a la edición de informes técnicos*. Espanha: MC Sports, 2012.

PERARNAU, Martí. *Herr Pep*. Espanha: Editorial Corner, 2014.

WILSON, Jonathan. *Inverting the pyramid – The history of football tactics*. London, England: Orion Books, 2009.

WIKIPEDIA.ORG.

